

Arruda abandona candidatura em nome da unidade

ANA DUBEUX

O ex-secretário de Obras, José Roberto Arruda, provocou uma reviravolta no quadro sucessório em Brasília, ao anunciar, ontem, a retirada de sua candidatura ao GDF. Depois de preparar-se durante anos para a disputa ao Buri-ti, ele não resistiu às pressões e resolveu abrir mão de pleitear o cargo mais cobiçado nessas eleições, segundo conta, em nome de um entendimento maior. "Querida ser governador, mas não a qualquer custo", explica. Minutos antes de encontrar-se com o candidato do PSDB à Presidência, Fernando Henrique Cardoso, que o elogiou "pelo gesto nobre", Arruda não quis antecipar a que cargo concorrerá em outubro. Fez questão de anunciar que trabalhará para eleger FHC "independente de qualquer coisa".

Nessa entrevista ao Jornal de Brasília, o ex-secretário confessa que, no âmbito pessoal, sentiu uma certa frustração por sair da disputa e chegou até a chorar. Mas diz que sentiu um certo alívio depois da decisão. Mostrando-se preocupado com a unidade do partido, Arruda aposta num entendimento entre PSDB, PP, PTB e PFL. Ao comentar sobre a possibilidade de o governador Joaquim Roriz lançar mais de um nome à sucessão, ele foi taxativo: "Quando a esperteza é grande come o dono". Descontraído, Arruda assegura que não foi traído por Roriz e rebate as denúncias de alguns adversários de que estaria chantageando o grupo para ser o indicado.

O executor da maior obra da cidade, o metrô, responde às provocações da oposição dizendo não ter medo de ninguém e desafia a todos a provarem qualquer coisa contra sua pessoa: "Minha vida pública é limpa e transparente".

Por que o senhor desistiu de concorrer ao GDF?

— Procurei o governador Joaquim Roriz, na terça-feira à noite, e fizemos uma reunião em Águas Claras, onde estavam presentes os senadores, deputados federais e distritais do partido. Em política tem uma hora que você tem de ter grandeza e colocar o interesse político maior da cidade, do País, acima de qualquer ambição pessoal. Nós, atores da cena política regional, deveríamos fazer um esforço para que essa coligação que vai dar sustentação ao nome de FHC se repita no DF.

E isto não está acontecendo?

— Não estava porque o PP, que tem maioria de parlamentares, 70% de aceitação popular e, portanto, tem densidade política, reclama para o partido — e com justiça — a cabeça de chapa. Por outro lado, há postulações também legítimas do PTB e do PSDB. Ficamos então numa situação de difícil negociação. Refleti muito e resolvi retirar a minha candidatura em nome do entendimento.

O que o levou a desistir?

— Acho que com este gesto facilito duas coisas importantes: os entendimentos internos que o governador deve fazer no PP e, principalmente, facilito os acordos que ele, como grande liderança política de Brasília, deve fazer com os partidos com os quais deseja uma ampla coligação.

O senhor estava atrapalhando esta aliança?

— Olha, todas as postulações que estavam colocadas são legítimas, inclusive a minha. No instante em que este acordo não nasceu naturalmente, o que seria ideal, é necessário que alguém ceda. E é um problema de feeling, de sentimento, e estou absolutamente convencido de que a minha maior contribuição à concordância do processo político em Brasília é a retirada do meu nome. Obviamente continuo no processo político, continuo participando, quero vê-los bem-sucedidos.

Faltou apoio do grupo rorizista?

Não. Nunca fui candidato a nada em Brasília. Não sou político mesmo. Há 20 anos sou engenheiro aqui. Tenho maior orgulho de ter sido secretário de Roriz. Desculpe a falta de modéstia, depois de JK e Israel Pinheiro não houve nenhum outro governo que fizesse as obras em tão pouco tempo. O metrô é apenas uma delas. Fiz o metrô num prazo e num preço recordes. Mas em Brasília, em função de ambições pessoais, nós estávamos dividindo os mesmos partidos que em nível nacional já tinham se juntado em torno do nome de FHC. Divididos não vamos ganhar as eleições para ele.

Essa decisão é irreversível?

— Não dava para tomar uma decisão dessa envergadura que não seja de forma irreversível.

O senhor se preparou durante anos para ser governador, não é

frustrante abandonar o barco na reta final?

— Realmente estou preparando isto há muito anos. Trabalhei para isto, especialmente, nos últimos anos. Ao nível pessoal, sou humano, e é frustrante sim. Tenho que confessar que depois de muita reflexão, depois de ir à missa com a minha mãe, para que esta decisão fosse consolidada no plano espiritual, eu tive que trancar no banheiro para chorar um pouquinho. Ao nível político esta decisão me deu uma enorme felicidade, uma tranquilidade. Não tenho mágoas. Cresci mais do que poderia imaginar. Um sujeito que nunca disputou uma eleição em Brasília e chegou a ter 15% de intenção de voto. Isto é um privilégio. Não me sentiria bem continuar postulando uma candidatura que, a apenas um mês das convenções, não tinha nenhum indício de que seria em torno dela que se juntaria todos os partidos. E não quero, honestamente, ser candidato apenas do PP.

Havia algum compromisso por parte do governador Joaquim Roriz em relação a sua candidatura. Ele prometeu que o senhor seria o escolhido?

— O governador sempre me entusiasmou à vida pública. Eu e o governador passamos a ter uma relação profissional, pessoal e política muito boa e intensa. Vivemos juntos momentos importantes das nossas vidas. E principalmente construímos ideais comuns. Mas como iria postular uma candidatura que estava desenhada para ser uma candidatura isolada do PP. Porque se tivesse que existir uma aglutinação em torno do meu nome, ela já teria acontecido. Continuar neste processo, a partir de agora, seria uma intransigência minha. E não quero iniciar a minha vida política com intransigência.

Não vai passar a imagem do noivo que passa anos sonhando com o casamento e entrega a noiva para outro no altar?

— Acho que isto é melhor do que casar e o casamento não dar certo. Prefiro um casamento de concordância, de consenso. Prefiro que este noivado dure um pouco mais. Até porque, gosto mais do processo do que do resultado. Gosto mais do namoro do que da consumação; gosto mais da paquera do que do seu resultado final.

Os outros postulantes vão ter atitude idêntica?

— Olha, cada caso é um caso. Dentro do PP há nomes da maior importância. Talvez seja o PP o partido de maior densidade política na somados seus parlamentares. Fora do partido também temos nomes importantes. Acima dessas legítimas postulações devem prevalecer o interesse maior: uma coligação que dê a vitória a FHC.

O PP deve continuar com ideia de lançar candidatura própria. Sua saída não vai obrigar o partido a abrir mão da cabeça de chapa?

— Este meu gesto nasce princi-

palmente pelo fato de, ao menos em termos de imagem pública, a minha candidatura ter sobressaído. Com a retirada do meu nome eu abro um caminho de entendimento e negociação que deve ser liderado por Joaquim Roriz.

Isto não enfraquece o partido?

— Só enfraqueceria se eu fosse o único nome. Como há muitos nomes, acho que o partido se fortalece.

A impressão que se dava é que a ideia de lançar candidatura própria passava só pela escolha do seu nome?

— Embora você tenha razão de que essa era a imagem que se passou para sociedade, não era esta a realidade dentro do partido. As lideranças vinham manifestando claramente e publicamente o desejo de que eu fosse o candidato. É claro que eu estava orgulhoso. Até porque, todo político é vaidoso e eu não fujo à regra. Eu tinha convicção de que com o apoio que conquistei, com os índices das pesquisas, eu tinha criado condições políticas básicas para ser o candidato. No entanto, embora tenha pessoalmente conversado com o PTB e com lideranças do PSDB e PFL, não surgiu uma coligação mais ampla em torno do meu nome.

Por quê? Havia muita resistência?

— Em função de legítimas, ainda que individuais, postulações. Não há uma crise interna no PP?

— Não vejo nenhuma crise. Ao contrário. Essa reunião da terça-feira foi mais de emoção do que de razão. Recebi dos meus companheiros um sentimento de apoio a um gesto que eles consideraram de grandeza. O PP hoje é um partido muito unido.

Como o governador reagiu a sua decisão?

— No primeiro momento, eu senti que ele não desejava que eu tivesse este gesto. Senti ele triste. Mas depois que argumentei muito, ele me pediu que falasse a todo mundo. Acho que ele deve ter ficado satisfeito com o fato de ainda haver companheiros dispostos a gestos como estes.

Não é cedo para tomar uma decisão tão forte?

— É difícil na vida dizer se é cedo ou não para se tomar uma decisão. Fiz o que meu coração mandou. Ouvi os amigos, minha família e o meu coração. Não sei se foi ce-

“Continuar nesse processo a partir de agora seria uma intransigência minha”

do, mas seria tarde se tomasse a decisão depois que se inviabilizasse a coligação aos meus sonhos. Acho, inclusive, que estamos atrasados neste sentido. Vou trabalhar para eleger o FHC independente de qualquer coisa.

Para dar sequência ao programa de governo de Roriz é preciso que se consiga eleger uma pessoa da confiança dele. Não sendo o senhor, quem mais poderia levar isto adiante?

— Para continuar o plano é preciso um político de grande envergadura, aceito pela cidade e comprometido com o plano.

Qual o perfil desse candidato?

— Aí é difícil falar. Este entendimento tem que começar sem nenhum pré-requisito.

Não está faltando a figura do coordenador neste processo. Uma pessoa de pulso forte?

— Estou gostando do processo justamente por isso. Se o governador Joaquim Roriz agisse como chefe político, ele adotaria uma posição autoritária, indicaria um candidato e provavelmente teria chances de eleger o sucessor. O governador está agindo como líder. Ele não impõe, ele negocia.

Em algum momento o senhor se sentiu traído?

— Ao contrário, não tenho nenhuma razão para isto. Me sinto muito confortável dentro do grupo político do qual faço parte. Me sinto numa posição agradável dentro do PP. Quero agradecer a todos, principalmente aos distritais. Eles foram muito leais. Não estava sentindo um clima político favorável à união de todos os partidos.

Sua decisão não fortalece a oposição?

— Pelo contrário. Só se minha posição fosse de intransigência, de ser candidato a qualquer custo.

Há quem garanta que Roriz lançará dois ou mais candidatos. O senhor acredita nisso?

— Tem uma frase que gosto muito, lá de Minas, que diz que quando a esperteza é muito grande ela come o dono e, não vejo, honestamente, disposição do governador para isto. Roriz deseja o entendimento. Não tem jeito ter entendimento quando você senta com três pessoas e cada uma quer a mesma coisa.

O senhor já foi do PSDB. Os tucanos em Brasília estão resistindo em se aliar com o grupo rorizista?

— Dizem muita coisa, inclusive, que um parlamentar do partido quer apoiar o Lula. Dizem que há



Arruda: 'Acho que com este gesto facilito duas coisas importantes: entendimentos internos e os acordos'



José Roberto esteve ontem com Fernando Henrique, quando comunicou a sua decisão de sair da disputa

correntes que querem juntar com Roriz. É provável que o PSDB tenha que fazer concessões.

O senhor vai fazer campanha para FHC como candidato a quê?

— Vou fazer a campanha de FHC, mas talvez não só em Brasília. Recebi uma sondagem dele e estou disposto a ajudá-lo. De que forma, e candidato a que não pensei nisso.

Toparia ser vice desse candidato do entendimento?

— Não pensei nisso e nem quero pensar agora.

O senhor guarda algum tipo de mágoa do governador?

— Sou humano, poderia até ter algumas coisinhas, mas não em relação ao governador Joaquim Roriz e aos políticos. Mágoa dá câncer: quero é ser feliz.

O senhor tirou um peso das costas?

— Não tirei porque não tinha, porque a candidatura ao governo era um prazer.

Muita gente estava aguardando sua candidatura e dependia dela para dar sequência aos projetos políticos. Como ficam essas pessoas?

— Graças a Deus essa dependência dessas pessoas era no nível das ideias, do discurso, do apoio, porque todos sabem que sou uma pessoa modesta ao nível de posses e de recursos. Este apoio que daria como candidato eu continuarei dando a todos aqueles que me apoiaram.

Se o grupo do Roriz sair isolado perde as eleições?

— Pode até ganhar. Acho que o governador Joaquim Roriz ganha as eleições de qualquer jeito.

Não passa a imagem de que o senhor está com medo?

— Se passar esta imagem eu volto. É a única coisa que me faz voltar. Não tenho nenhum tipo de vulnerabilidade pessoal e não tenho medo de ninguém. Minha vida é absolutamente limpa e clara. Todas as obras que fiz para o GDF são transparentes. Aliás, nenhum conjunto de obras passou por tanta fiscalização quanto as obras que fizemos neste governo. Tudo com transparência, baixos custos e prazos também.

Alguns candidatos falam nos bastidores políticos que o senhor estaria chantageando o governador para impor sua candidatura?

— Nem eu convivo no meu grupo com chantagistas, nem o governador é chantageado. A eles o meu gesto.

Quais são seus planos?

— Vou voltar para minha prancheta de engenheiro. Mas vou participar do processo de negociação, vou à luta, vou brigar pelo entendimento. Se em algum momento a minha candidatura, até pela proximidade com o governador, passou alguma arrogância, alguma prepotência, espero que este meu gesto seja o de entendimento.

Vai faltar um bom debatedor nessas eleições?

— Não. O quadro político tem grandes debatedores. Agora, se isto é algum tipo de elogio a mim, estou à disposição. Podem me chamar que eu debato.

O que o senhor acha do candidato do PT ao GDF?

— O Cristovam Buarque é meu amigo pessoal. Nós trabalhamos juntos, tivemos uma trajetória juntos, inclusive, no sonho da Nova República. Tenho profundo respeito por ele. Um ser humano incrível. Agora, neste momento, o professor Cristovam defende ideias do partido ao qual está vinculado das quais eu discordo, por serem corporativistas, retrógradas e sectárias. Por isto, eu o sinto um pouco à vontade na cena política. Muitas vezes tratando os eleitores como alunos. E acredito que os eleitores são professores.

A CPI do Orçamento atrapalhou os planos do seu grupo?

— Acho que a CPI é um atestado de idoneidade para o governo. Não se provou nada contra ele. Agora, dificilmente um homem público passa por uma campanha tão ampla de difamação, tão orquestrada, como ele passou. Isto trouxe desgaste, principalmente no primeiro momento.

Como o senhor reage às provocações da oposição sobre a evolução do seu patrimônio pessoal?

— Já respondi isto ao senador Eduardo Suplicy, que teve que pedir desculpa em público. Minha vida é limpa.